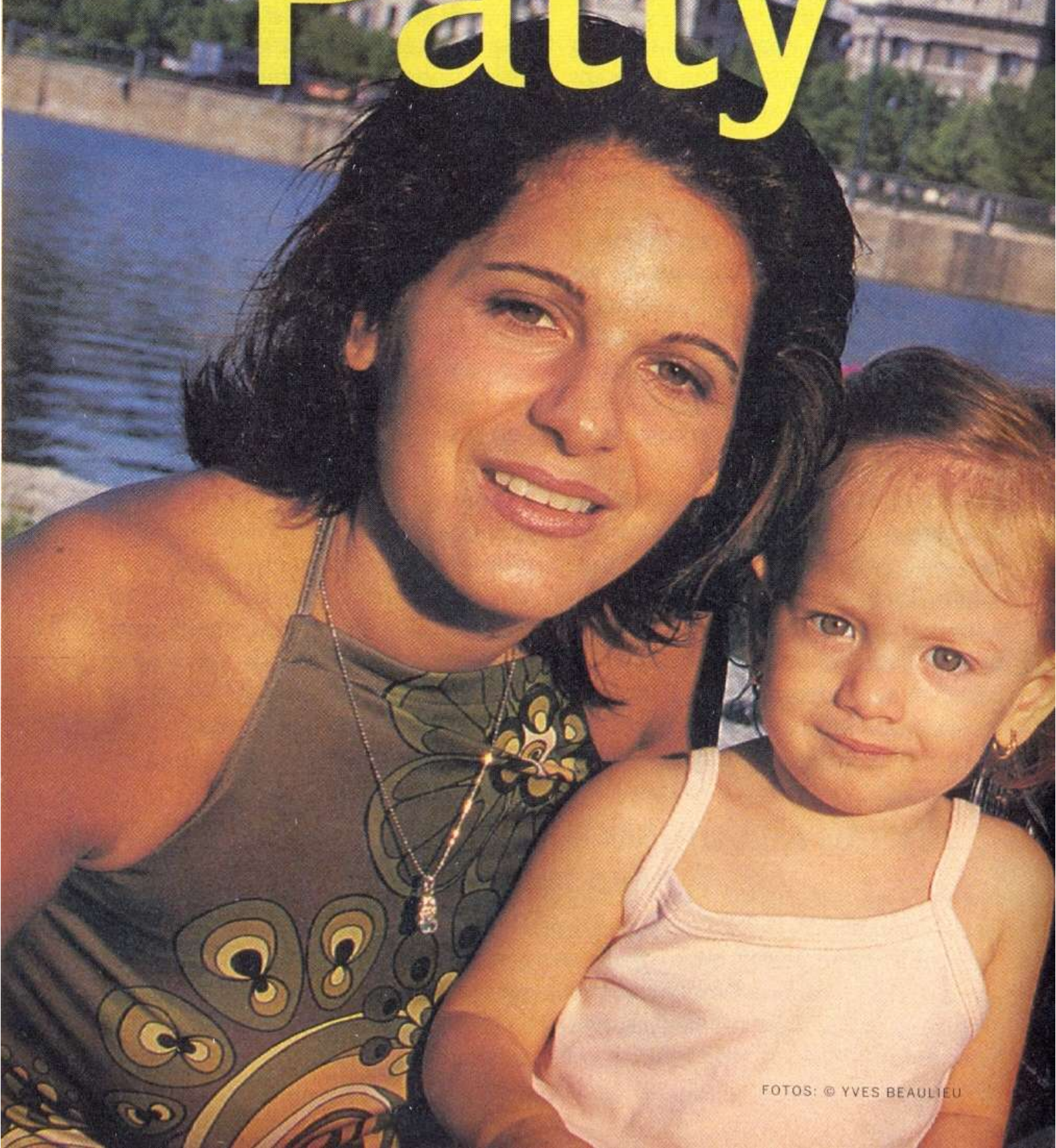
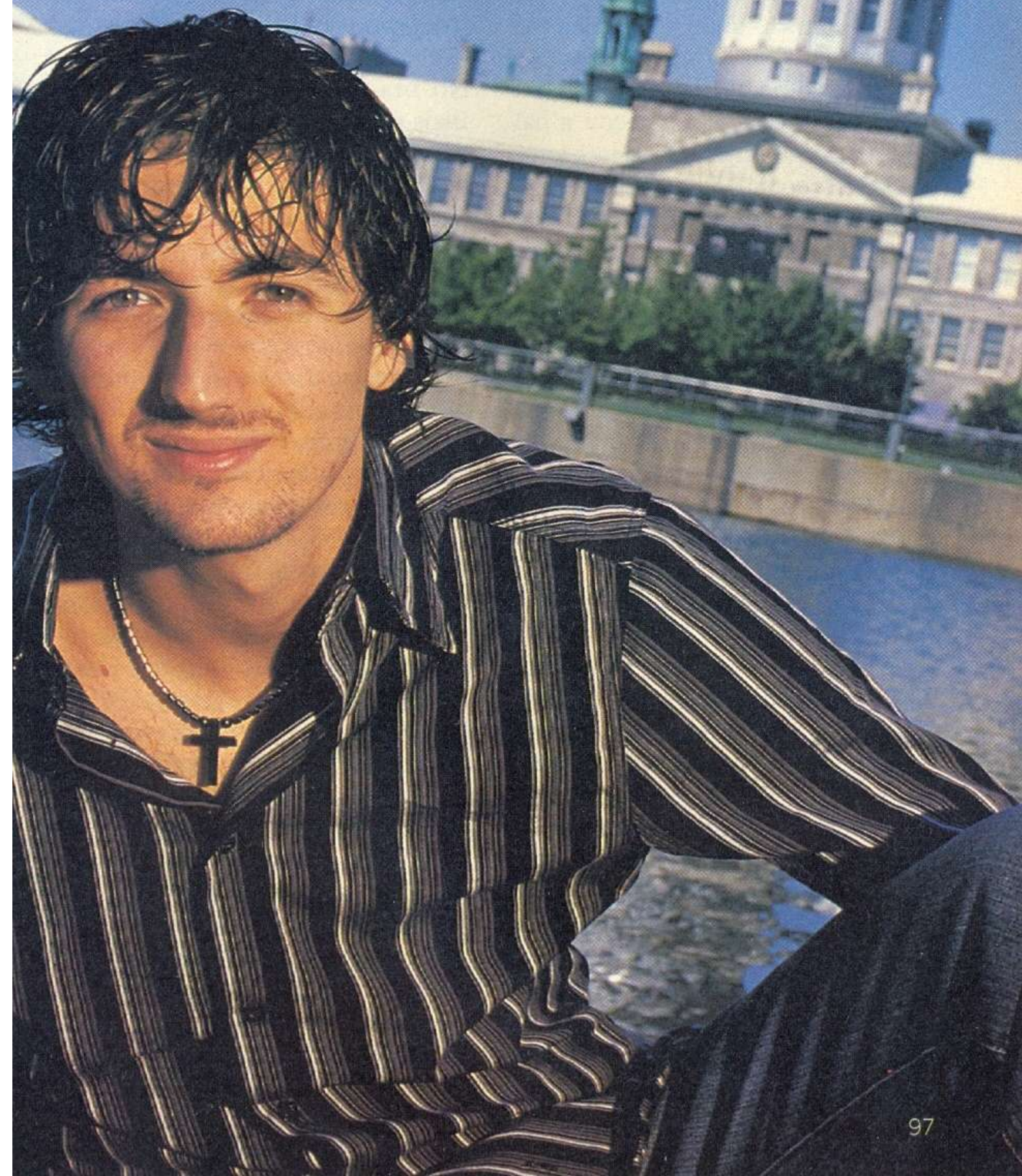


A última chance de Patty



FOTOS: © YVES BEAULIEU

A filha recém-nascida era a sua
única esperança | POR KATHY COOK



PATTY DURANTE, 26 anos, acabara de chegar das compras naquele funesto dia do fim de julho de 2001. De compleição delicada, estava grávida de 26 semanas do primeiro filho. Notando o telefone piscar, foi verificar as mensagens. Seu obstetra queria que ligasse imediatamente. Seu coração começou a palpitar. Sofrera um aborto meses antes e estava preocupada com o bebê.

Patty telefonou para o marido, Louie Tiano, 24 anos, técnico em computadores que, como ela, nasceria em Montreal.

- Louie, o que estará acontecendo? - perguntou ela, aos prantos.

- Ei, fique calma - respondeu o marido. Louie prometera cuidar dela por toda a vida e Patty sabia que ele o faria. - Fale com ele e depois me ligue.

Patty telefonou para o obstetra. Depois tornou a ligar para Louie. "Venha para casa!" Chorando, contou-lhe que tinha de fazer uma biópsia de medula óssea. Seu último exame de sangue apresentara problemas.

Na manhã seguinte, no hospital Cité de la Santé, em Laval, Louie segurou a mão de Patty enquanto um médico lhe inseria uma agulha na região lombar e extraía uma amostra de medula óssea para exame. Cinco horas mais tarde, eles voltaram para ouvir os resultados.

- Você está com leucemia - disse o médico.

Patty viu seus sonhos de vida se despedaçarem.

- Estou... morrendo?

- Você tem 85% de chance de sobrevivência.

Em meio aos soluços, Patty conseguiu perguntar:

- E meu bebê?

O médico não tinha certeza.

- Vamos interná-la agora mesmo.

NO DIA SEGUINTE, o Dr. Normand Blais foi ao quarto de Patty.

- O que vai acontecer com meu bebê? - foi a primeira pergunta que ela fez.

- Faremos o possível para salvar a mãe e o bebê - disse ele com gentileza. - Vamos iniciar a quimioterapia ainda durante a gravidez.

Testes realizados posteriormente mostraram que, na realidade, Patty sofria de uma rara combinação de leucemia linfocítica e mielocítica aguda. Agora, na melhor das hipóteses, tinha 30% de chances de sobrevivência, mas a frágil vida que se desenvolvia dentro dela ainda era viável se o parto ocorresse logo.

Patty foi transferida para o Centro de Saúde da Universidade McGill no Royal Victoria Hospital, em Montreal. Lá, a Dra. Alice Benjamin, diretora da obstetrícia, aconselhou: "Seria melhor para seu bebê se você o carregasse por mais algumas semanas." Os riscos de morte ou incapacidades permanentes seriam menores.

Em seguida, Patty encontrou-se com o Dr. Pierre Laneuville, um hematologista de Montreal. Ele começou explicando a melhor conduta de tratamento.

- Não temos tempo para adiar a quimioterapia - preveniu ele.

- E se eu perder meu cabelo, meu bebê vai perder também? - perguntou Patty.

- Seu bebê não vai receber a quimioterapia. As drogas não passam através da placenta - Laneuville tranqüilizou-a.

DEPOIS DE ALGUNS dias de quimioterapia, Laneuville mandou Patty para casa. A cada dois dias ela passava no hospital para fazer exames, e duas vezes por semana recebia um coquetel de drogas por via intravenosa.

À medida que as semanas passavam, o cabelo de Patty mantinha-se abundante e seu apetite continuava saudável. A Dra. Benjamin, que injetava esteróides em Patty para acelerar o desenvolvimento dos pulmões do bebê, informava que a gravidez progredia bem.

Um dia, no início de agosto, enquanto folheava um livro sobre gravidez, Patty viu um subtítulo: "Armazene o sangue do cordão umbilical". Leu que células-tronco guardadas do sangue do cordão umbilical podiam ser depositadas na medula óssea para fabricar novas células sanguíneas e usadas como alternativa para os transplantes de medula no tratamento da leucemia. Laneuville lhe dissera que, se a quimioterapia não a curasse, o próximo passo seria um transplante.

Na consulta seguinte, Patty perguntou a respeito do procedimento. Laneuville não queria alimentar fal-

"O câncer está evoluindo rápido. Você precisa dar à luz logo."

sas esperanças. "Essa opção representa um último recurso", disse ele. Crianças haviam sido bem-sucedidas na cura da leucemia pelo implante de células-tronco do cordão umbilical na medula óssea, explicou, mas provavelmente não haveria células-tronco suficientes para ajudar alguém maior do que uma criança.

Ainda assim, Patty decidiu guardar o sangue. *Talvez um de nós precise*, pensou. E tomou providências para que o sangue fosse armazenado.

NO FIM DE AGOSTO, Laneuville chamou Patty para fazer outra biópsia de medula óssea. Quando leu os resultados do laboratório, sentiu um nó na garganta.

"O câncer está evoluindo rápido", disse a Patty. "Você precisa dar à luz imediatamente. E então vamos começar uma quimioterapia mais agressiva." Assegurou-lhe que a maioria dos bebês prematuros se saía bastante bem com 31 semanas.

NA MATERNIDADE, Patty recebeu medicação para induzir o parto. Os médicos queriam que ela desse à luz

naturalmente, uma vez que o corte de uma cesárea levaria semanas para cicatrizar e atrasaria a urgente quimioterapia.

No dia 2 de setembro, Victoria Angel chegou, gritando. Uma enfermeira segurou a recém-nascida de 1,6 quilo enquanto a Dra. Benjamin cortava o cordão umbilical e pinçava ambas as extremidades para manter o sangue no local. A enfermeira colocou Victoria nos braços de Patty, que acariciou a testa da filha. “Ela é tão linda”, disse baixinho.

Enquanto isso, a Dra. Benjamin inseriu uma agulha no cordão umbilical, transferiu o sangue para um saco plástico e o encaminhou para congelamento. O diminuto bebê foi levado para a UTI neonatal e colocado numa incubadora.

Dois dias depois, Patty começou um programa de sete dias de quimioterapia, tão tóxico que alguns pacientes morriam das complicações decorrentes. Começou a vomitar, seu cabelo caiu e os vírus devastaram seu corpo.

Uma tarde, Louie levou-a na cadeira de rodas para ver Victoria. Ao avistar sua filhinha rodeada de fios e com o tubo do respirador enfiado na garganta, Patty desatou a chorar.

À medida que os dias se passavam, Patty enfraquecia mais. A infecção agora lhe ameaçava a vida, portanto Laneuville a mantinha tomando antibióticos a cada hora.

Um dia, tremendo de febre, Patty segurou a mão de Louie e disse:

– Se eu morrer, quero que se case

novamente e não se sinta culpado. – Os olhos dela se encheram de lágrimas ao vê-lo chorar. – E prometa que vai falar de mim para Victoria.

Louie aproximou-se e a abraçou.

– Eu prometo. Mas você não vai morrer.

Ele havia tirado uma licença do trabalho para ficar no hospital com Patty até que ela melhorasse.

No dia seguinte, a febre cedeu.

NOS DOIS meses seguintes, os pulmões de Victoria desenvolveram-se e seu coração ficou mais forte. No início de novembro, pesando 3,2 quilos,

ela pôde deixar o hospital. Patty passou duas curtas semanas com Victoria na casa de seus pais. Com um beijo triste de despedida, deixou a filha com eles e voltou ao hospital.

Sabendo que Victoria estava em boas mãos, Louie concentrou-se em Patty, que combatia uma infecção atrás da outra. Até que, pouco antes do Natal, Laneuville entrou radiante em seu quarto. “Você está em remissão”, disse, sorrindo. A última biópsia de medula óssea não apresentava sinais de câncer.

Três dias antes do Natal, Patty deixou o hospital determinada a estabelecer um vínculo com a filha, já com 3 meses. Ela e Louie apanharam Victoria e a levaram para casa. A época do Natal nunca lhes pareceu tão maravilhosa. Patty acreditava ter finalmente deixado o câncer para trás.



Louie, Victoria e Patty se deliciam num dia de sol em Montreal.

DOIS MESES depois, Patty realizou um exame de sangue de rotina para verificar a contagem de leucócitos. O técnico entregou os resultados a Laneuville. “Há algo errado”, disse ele. Patty sentiu que ia desmaiar. Laneuville submeteu-a a uma biópsia de medula óssea e prometeu ligar assim que os resultados chegassem.

Naquela noite, Patty saiu para jantar com seus primos, sabendo que poderia ser sua última oportunidade de diversão por um longo tempo.

No consultório, Laneuville ponderava sobre o que fazer. A leucemia de Patty voltara. Sua única chance de sobrevivência era o transplante de medula óssea, mas a busca por um doador compatível num banco de da-

dos mundial não dera resultado. Ele comunicou a situação a Louie. Atorreado, Louie desligou o telefone. Não queria arruinar o jantar de Patty, portanto decidiu não ligar para ela. Às 22 horas ela telefonou.

- Sim, o Dr. Laneuville ligou - confirmou ele.

- Então a doença voltou - ela concluiu.

Corajosamente, ela disse aos primos que o retorno prematuro do câncer era uma boa notícia. “Se fizer um transplante, ficarei curada”, informou.

DEPOIS DE PASSAR O fim de semana lendo os estudos mais recentes sobre células-tronco, Laneuville ligou para

"Quais são as minhas chances?", quis saber Patty.

"Uma em quatro", respondeu ele.

o Dr. Geoff Blake, especialista em transplante de medula óssea do Centro de Saúde da Universidade McGill. Falou-lhe sobre Patty e mencionou o sangue congelado. O sangue do cordão umbilical de Victoria, mistura do DNA de Patty e de Louie, representava uma compatibilidade imperfeita. Um estudo italiano, porém, sugeria que aquele tipo de incompatibilidade era capaz de trabalhar a favor de Patty. Os genes incompatíveis de Louie poderiam atacar e matar quaisquer células leucêmicas residuais no sangue da mulher.

É uma jogada arriscada, pensou Blake. Então disse a Laneuville: "Não vejo outra saída."

Dois dias mais tarde, Patty estava diante de Laneuville no hospital.

- Você precisa de um transplante de medula óssea, mas não encontramos doador compatível - começou ele. Patty sentiu o corpo enrijecer quando ele lhe informou que não te-

ria muitos meses de vida sem o transplante. - A outra possibilidade é o cordão umbilical de sua filha.

A quantidade de células-tronco, explicou, era um décimo do que um transplante normal exigia e por isso poderia levar até três meses para que seu corpo formasse nova medula óssea e começasse a produzir leucócitos. No entanto, essa parecia ser a melhor opção.

- Quais são as minhas chances? - perguntou Patty.

Laneuville fez uma pausa. Sem o sistema imunológico e ainda enfraquecida pela última sessão de quimioterapia, Patty estava vulnerável a infecções. Seria difícil mantê-la viva tempo bastante para que as células-tronco comesçassem a se reproduzir.

- Uma em quatro - respondeu o médico, sendo generoso.

Louie e Patty foram quase em silêncio até a casa dos pais dela.

- As notícias não são boas - avisou Patty. - Mãe, pai, se é o que Deus quer... Só peço a vocês que tomem conta de minha filha.

Seu pai trazia Victoria nos braços.

- Não se preocupe. Ela ficará bem.

NO DIA SEGUINTE Patty foi internada num quarto hermeticamente fechado na ala para pacientes com câncer. Os visitantes tinham de se lavar e colocar máscaras e jalecos num segundo aposento lacrado antes de entrar no dela.

- Estou com medo - admitiu Patty.

- Eu sei - respondeu Louie através da máscara. - Estarei bem aqui.

Desde que usasse máscara e jaleco e não adoecesse, Louie poderia ficar com ela dia e noite. Durante os cinco dias seguintes, Patty recebeu uma dose de potentes drogas quimioterápicas.

Dez dias mais tarde, sua medula óssea estava morta, deixando-a sem leucócitos e sem sistema imunológico. Seu corpo estava agora menos apto a rejeitar o transplante de medula, mas mesmo um vírus insignificante poderia matá-la.

Patty estava pronta para receber as células-tronco da filha. Ao lado da cama, Laneuville introduziu a agulha em seu braço e injetou o sangue coletado do cordão umbilical de Victoria no cateter.

“Agora vamos esperar”, disse ele. As células-tronco se depositariam na medula óssea de Patty e, depois de no máximo três meses de latência, começariam a produzir novos leucócitos. O desafio agora era mantê-la viva por tanto tempo.

Os dias passavam devagar. O corpo de Patty tornou-se tão frágil que Laneuville a fazia tomar pílulas anti-concepcionais, preocupado com o fato de ela menstruar e sofrer uma hemorragia.

Todas as manhãs uma enfermeira mostrava a Patty o resultado dos exames de sangue. Patty examinava a lista para encontrar a contagem de neutrófilos, a quantidade de leucócitos responsáveis pelo combate às infecções no sistema imunológico. “Ainda zero”, murmurava ela, entregando o gráfico a Louie.

UMA NOITE, Patty acordou em pânico, com a sensação de estar sendo arrastada para a morte. O hospital estava escuro e assustadoramente silencioso, a não ser pelo som da respiração de Louie no sofá-cama a seu lado. Ela ligou a televisão, com medo de voltar a dormir.

À medida que as semanas se passavam sem qualquer sinal de que as células-tronco estivessem se reproduzindo, Patty começou a ficar cada vez mais irritada e insegura. Sempre tivera orgulho de sua aparência. Agora estava calva, sem cílios nem sobrancelhas. Uma tarde em que ligou para a mãe, ouviu a filha arrulhando alegremente ao fundo. Lágrimas brotaram em seus olhos. Desligou o telefone e pôs-se a soluçar.

– Louie – ela chorava, amarga –, Victoria não vai se lembrar de mim.

Imaginou o mundo sem ela. Ela morreria e Louie se casaria de novo. Antes que se passasse muito tempo, nem sequer sentiriam sua falta.

– Patty, já chega – disse Louie, num tom firme. O estresse estava debilitando a força emocional de sua mulher. Ela precisava se manter forte. – Você tem de parar de chorar agora.

Por fim ela se acalmou.

NO INÍCIO DE ABRIL, cinco semanas após o transplante, uma enfermeira entregou o gráfico a Patty. Seus neutrófilos registravam 10 células por

microlitro de sangue. “Veja, Louie!”, exclamou ela. Sabia que, se os níveis de neutrófilos chegassem a 1.000 por microlitro, ou seja, cem vezes mais altos do que estavam agora, poderia ir para casa.

No dia seguinte o gráfico marcava 20. Laneuville preveniu-a de que poderia ser uma anomalia, mas Patty sabia que estava melhorando. O mau humor desapareceu.

Alguns dias mais tarde, Laneuville concordou: “Algo está acontecendo”, disse ele. Embora o corpo de Patty não tivesse apresentado sinais de ter rejeitado a nova medula óssea, ele aumentou a medicação anti-rejeição.

Quando Patty acordou no dia 20 de abril, Louie beijou-lhe a testa.

– Feliz aniversário! – disse. Pouco depois, saiu do quarto. – Vou ver se seu exame está pronto.

Quando voltou, carregava um bolo de chocolate. Enfermeiras e plantonistas o seguiam, cantando *Parabéns pra você*.

O que estava acontecendo?, Patty se perguntou, rindo.

– Temos um presente de aniversário para você – disse uma enfermeira, entregando-lhe os resultados. – Você vai sair para um passeio!

Patty olhou o gráfico: 500. Estava fora do isolamento!

Na manhã seguinte, Laneuville se aproximou de sua cabeceira. “Você alcançou 1.000. Vai embora hoje”, disse ele, e começou a explicar as precauções que ela precisaria tomar quando estivesse em casa. Louie fez as malas e levou Patty até a casa dos pais dela. Enquanto segurava no colo a filha de 8 meses, ela pensava: *Você salvou minha vida. Agora vou passar o resto de meus dias provando a você o quanto a amo.*

Cem dias após o transplante, Laneuville chamou Patty ao consultório. “Parabéns. Estatisticamente, você está curada.”

Patty Durante está há quase três anos livre do câncer.

VALEU A INTENÇÃO?

Depois de um longo dia de compras, minha mãe e eu paramos no supermercado. Entrei às pressas, deixando-a no carro.

Quando cheguei ao caixa, fiquei pasma de ver que ela descera do carro e esperava por mim na porta do supermercado.

– Mamãe! – exclamei. – O que está fazendo aqui? Eu deixei o motor ligado.

– Está tudo bem, filha – respondeu ela, de maneira tranqüilizadora. – Eu tranquei as portas.



SIMONE TERPSTRA, EUA